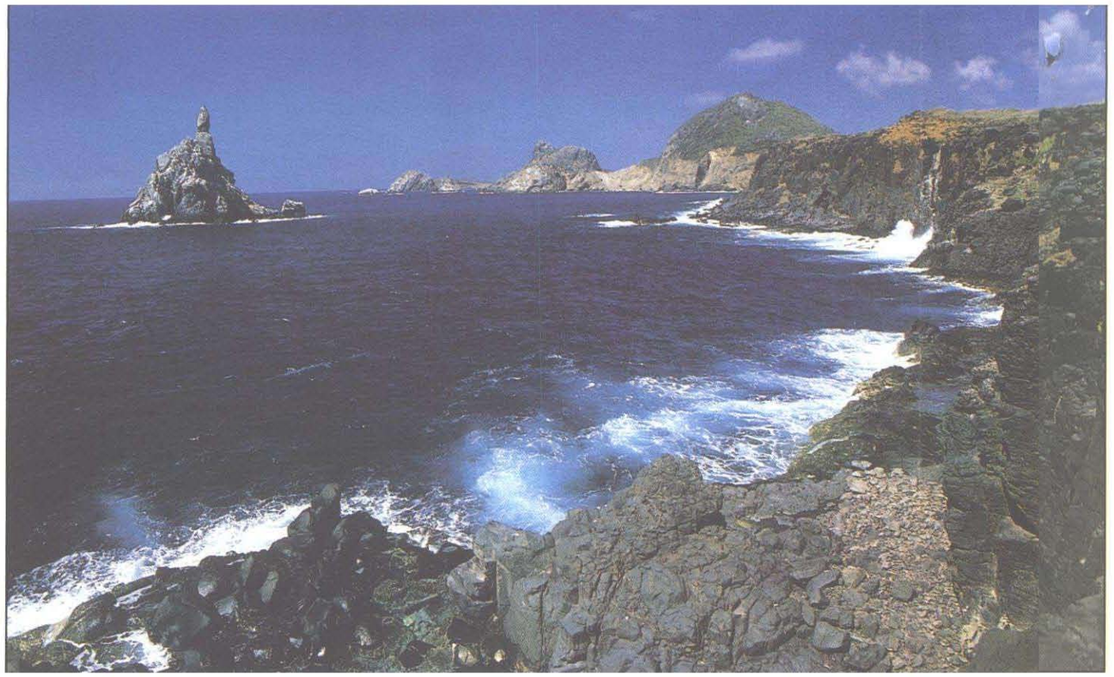
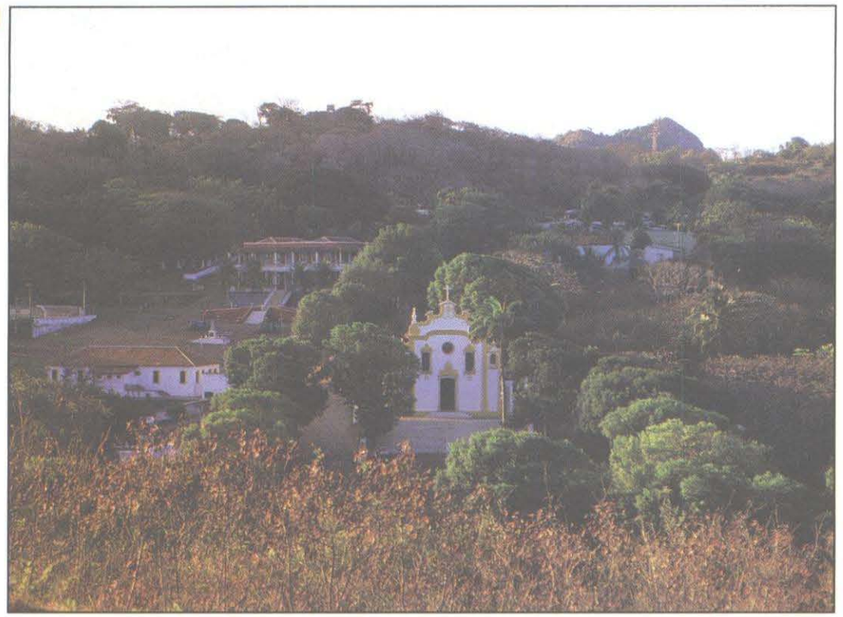
Acervo



Ponta das Caracas
Uma das mais belas paisagens de Noronha, num dos extremos da ilha, é área preservada pelo Ibama. Dali, o turista só pode tirar fotos



Vila dos Remédios
Núcleo principal da ilha e marco de sua ocupação, é onde fica o Palácio São Miguel, sede da administração, construído no início do século XIX. Destaque: Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, erguida em 1772 e restaurada em 1988

FERNANDO DE NORONHA

Dilema no paraíso

O arquipélago ainda não encontrou um modo de conjugar turismo, ecologia e qualidade de vida para seus moradores

Cinha abre mais um coco verde para o turista e, sorrindo, conta sua história. Há nove anos deixou Ponte de Pedra, em Pernambuco, com os dois filhos do primeiro casamento, para trabalhar na casa de uma prima. Um ano depois casou de novo e hoje, aos 32, vive com a família num barracão de madeirite, partilhado com outras sete famílias e uma oficina mecânica, na Vila da Quixaba. Cinha – na verdade Maria da Conceição Bandeira da Silva – vive num paraíso. Da cadeira em que descansa, ela avista a Baía dos Golfinhos, um dos lugares mais famosos do Arquipélago de Fernando de Noronha. Quando vende bem, tira até R$ 350 por semana. O marido, pedreiro, depende das reformas que consegue fazer. Com a renda, compraram TV, freezer e telefone. Mas casa, que é bom, nada. "Se der, compro uma lá fora", diz. "Aqui é bonito pra ver, mas pra viver é zero."

"Lá fora" é como os noronhenses se referem ao continente, do qual o arquipélago depende praticamente para tudo. Alimentos, material de construção, medicamentos e veículos são comprados em Recife – a 545 quilômetros – ou em Natal – a 360 quilômetros. O arquipélago tornou-se um paraíso ecológico conhecido mundialmente por suas praias maravilhosas e pela rica fauna submarina – que faz dele o melhor lugar para mergulhar no país. Sua história é rica em detalhes fascinantes, que os habitantes mais antigos adoram contar. Como uma miniatura do Brasil, os moradores de Noronha chegaram de diversos pontos do país, atraídos pela beleza, pela vida sem violência e pela paz que o isolamento permite. Mas o cenário magnífico esconde dilemas para o futuro. Assim como ocorre com Cinha do Coco, a principal fonte de renda da ilha é o turismo. Mas como fomentá-lo mantendo a natureza intocada e melhorando a qualidade de vida da população? Eis o impasse.

Topo de uma montanha submarina de origem vulcânica com 4 mil metros de altura, Fernando de Noronha possui 26 quilômetros quadrados divididos entre 21 ilhas e ilhotas. A maior, que dá nome ao arquipélago, tem 17 quilômetros quadrados: em cerca de 30% dessa área vivem 2.480 pessoas. Todo o resto integra o Parque Nacional Marinho, controlado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Hoje, a ilha abriga um conflito social de origem política. Distrito de Pernambuco desde 1988 – quando o parque também foi criado –, Noronha é o único lugar do Brasil controlado por um governante biônico: seu administrador é indicado pelo governador de Pernambuco. A população elege um conselho de sete pessoas, que faz a intermediação entre o povo e o governo. Os poderes do administrador são quase ilimitados. Como se vivessem num enclave socialista em alto-mar, os noronhenses estão sob rígido controle do Estado. Eles não têm direito à posse de suas casas: recebem concessão para o uso do solo desde que provem que são residentes da ilha. O sistema tem falhas: "Moro aqui há nove anos, me prometeram um terreno, mas vivo no barracão", reclama Cinha. Ampliações das casas também só podem ser feitas com licença do administrador, Tadeu Lourenço de Lima, ou de seu adjunto, Alberto Alcântara. É permitido estabelecer-se no lugar quem casa com um ilhéu ou prova que trabalha e se sustenta sem prejudicar a ecologia. "Limitamos o número de habitantes para não sobrecarregar a infra-estrutura", diz Alcântara.

Quando fala em infra-estrutura, ele se refere ao fornecimento de água, luz e comunicação. A energia provém de uma estação termoelétrica movida a diesel, com pequena ajuda da energia eólica, que abastece toda a população. A água encanada vem de poços artesianos e do Açude do Xaréu, que armazena chuva, e a rede de esgoto passa por todas as casas. Há telefone comum e celular, uma rádio e uma TV. A escola é pública e bem construída. Por conta de atrasos salariais, porém, às vezes as aulas são interrompidas por greves de professores. A saúde é precária. Há um único hospital, com dois funcionários: o médico e a diretora. "Ele só vai melhorar quando fizer parte do roteiro dos turistas", ironiza o compositor paraibano Ju Medeiros. Amante da ilha que escolheu para viver, ele compõe paródias do dia-a-dia de Noronha.

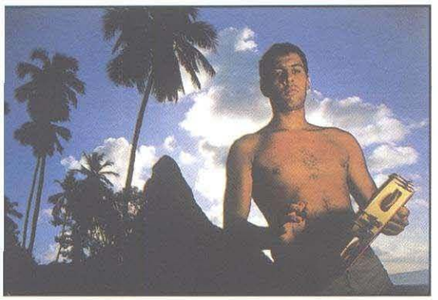
Imprensados entre o turismo e a ecologia, os noronhenses tentam equilibrar-se numa balança de vantagens e desvantagens. Desde que o parque foi criado e as áreas de pesca delimitadas, a população voltou-se para o turismo, ganha-pão da maioria dos habitantes. Afinal, pescar na área de preservação significa receber multas pesadas, de até R$ 2 mil, demais para quem vive com, no máximo, a metade disso por mês. Não faltam reclamações. Maria de Gouveia, como é conhecida a viúva Maria Raimunda da Silva, 68 anos, odeia o "tal de Imbama". "Deus colocou os peixes no mar para todos e o Imbama proíbe tudo", reclama. "Aqui todo mundo é pobre e precisa comer." Sua família é uma das descendentes dos detentos que foram mandados para a ilha, presídio até a década de 40.

Mesmo o turismo é controlado. Teoricamente, a ilha só pode receber 120 novos visitantes por dia. O contingente que permanece lá jamais pode ser superior a 420 pessoas. "Isso não está sendo ▶

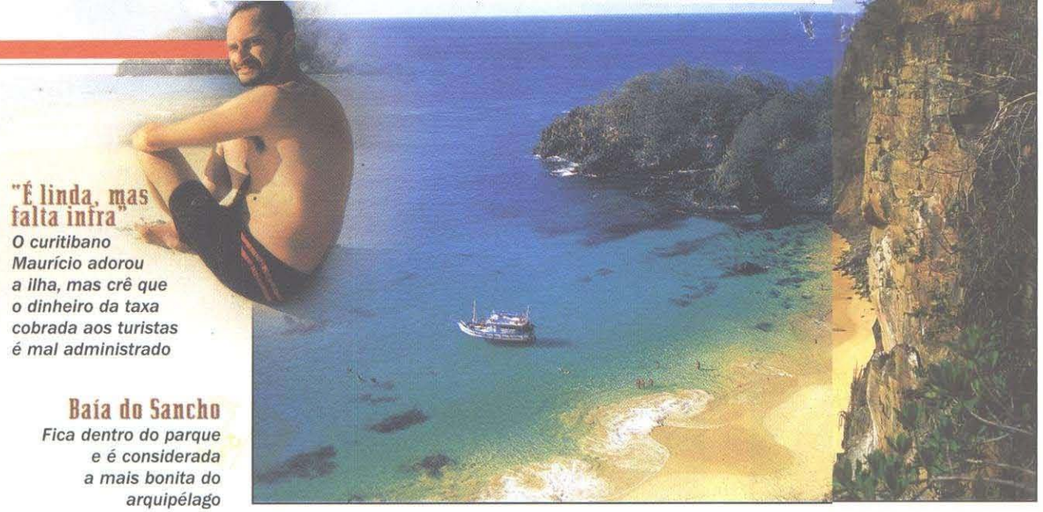
"Este mar é de Deus e de todos"
Dona Maria de Gouveia reclama das limitações impostas pelo Ibama para preservar o parque marinho. Diz que preferia a ilha quando era território federal, administrado pelas Forças Armadas. "A gente tinha mais liberdade", afirma

"Quero viver lá fora"
Cinha tira um bom dinheiro com a venda de cocos, mas vive num barracão, com o marido e dois filhos, perto da famosa Baía dos Golfinhos. Sonha voltar para sua cidade, Ponte de Pedra, em Pernambuco

Fotos: Paula Prandini/ÉPOCA

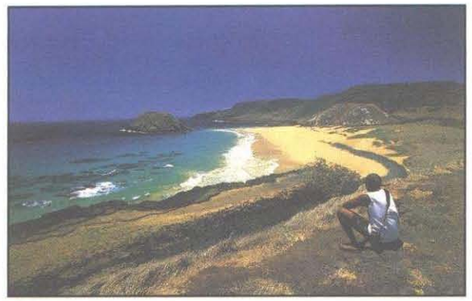


"É melhor morar aqui"
Pedro, ex-office-boy, foi viver com a tia em Noronha. Pretende ficar para sempre

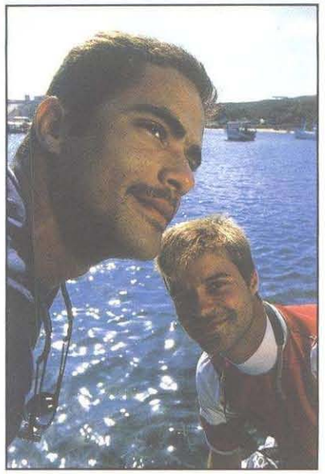


"É linda, mas falta infra"
O curitibano Maurício adorou a ilha, mas crê que o dinheiro da taxa cobrada aos turistas é mal administrado

Baía do Sancho
Fica dentro do parque e é considerada a mais bonita do arquipélago



Praia do Leão
As tartarugas-verdes, protegidas pelo Projeto Tamar, desovam em suas areias entre janeiro e abril



Risco de vida
O mergulhador Villela (à esq.) e o biólogo Rodrigues passaram 22 horas perdidos no mar: tornaram-se personagens famosos entre os habitantes de Fernando de Noronha

obedecido", afirma o noronhense Marco Aurélio da Silva, o Maguinho, diretor-adjunto do Parque Nacional. É fácil comprovar: só o navio *Funchal*, que anualmente faz 16 visitas à ilha, traz 420 passageiros toda vez que estaciona ao largo dela. Além disso, quatro vôos diários de Natal e Recife a Noronha despejam cerca de 120 pessoas em seu pequeno aeroporto. No ano passado, 30 mil turistas visitaram o paraíso, mas o total em 1998 será superior, já que não houve período de chuvas. Cada visitante tem de pagar a Taxa de Preservação Ambiental, que começa com R$ 14,42 por um dia. Se permanecer um mês usufruindo os prazeres da ilha, desembolsará R$ 1.441,65. Essa taxa tem dado retorno de R$ 120 mil mensais à administração. Segundo Alcântara, o dinheiro vai para coleta de lixo, salário de funcionários, saúde e educação. O curitibano Maurício Andrade desconfia. Visitando a ilha num pacote turístico, ele se satisfaz com as belezas, mas tem queixas. "O dinheiro da taxa está sendo mal investido porque a infraestrutura da ilha deixa a desejar."

Outro Maurício, ex-operador da Bolsa de Valores de São Paulo, também conheceu o arquipélago como turista. Apaixonou-se e, há dois anos, fincou âncoras. Maurício Villela, 26 anos, comprou parte da operadora de mergulho mais antiga da ilha, a Águas Claras. Em junho deste ano, ele e dois amigos foram mergulhar e uma corrente os afastou do barco. Ficaram 22 horas perdidos no mar, agarrados a uma bóia, à espera de socorro. A ajuda chegou por um navio da Marinha depois que uma aeronave os localizou. "Até hoje lembro o momento em que o avião nos achou", diz Marcelo Rodrigues, biólogo brasiliense que viveu o drama. Mas isso não livra Rodrigues da marcação da administração. "Ela insiste em me cobrar a taxa. Não se convence de que moro e trabalho aqui há três meses", reclama o rapaz, que se associou a uma produtora especializada em filmagem submarina. O ex-office-boy Pedro Guimarães, de 20 anos, teve mais sorte. Deixou o Brás, em São Paulo, para trabalhar com a tia no hotel da ilha. Já é tido como noronhense. "Se der, fico para sempre."

Para viver em Noronha paga-se alto. Uma cerveja custa R$ 2. Em São Paulo, não chega a R$ 1. O litro da gasolina está por R$ 1,60. Como não há transporte público, só é possível circular de táxi (buggies adaptados), e as corridas, tabeladas, vão de R$ 5 a R$ 24. A diária de um buggy velho custa entre R$ 80 e R$ 100. Numa locadora de São Paulo, por exemplo, esse montante dá direito a um carro popular novo e com ar-condicionado. Esses problemas chegaram aos ouvidos do governador eleito de Pernambuco, Jarbas Vasconcellos (PMDB), e do presidente da Embratur, Caio Luiz de Carvalho. Eles tentam encontrar uma fórmula de equilíbrio que leve em conta a ecologia, o turismo e o sustento da população. Uma coisa é certa: o povo começa a ser ouvido. "Fizemos oficinas na ilha com moradores e representantes de ONGs. Deve haver um caminho comum", afirma Carvalho. Falta descobri-lo. ■

ANNAMARIA MARCHESINI

Como ir a NORONHA

Passagens de avião (ida e volta)

São Paulo–Natal: R$ 1.036,81 (Varig). De R$ 408 a R$ 1.020 (Vasp)

São Paulo–Recife: R$ 965,11 (Varig). De R$ 380 a R$ 948 (Vasp)

Natal–Noronha: R$ 267,20 (Total Linhas Aéreas)

Recife–Noronha: R$ 457,72 (Nordeste Linhas Aéreas)

Pacotes

Sete dias entre Natal e Noronha

Soletur: R$ 960 (011/231-4244)

Panexpress: R$ 999 (011/259-5122)

CVC: R$ 1.089 (011/231-1222)

A história DAS ILHAS

O Arquipélago de Fernando de Noronha foi descoberto em 1503, pelo navegador Américo Vespúcio, durante a segunda expedição exploradora, comandada por Gonçalo Coelho. Logo depois, as ilhas foram doadas pelo rei de Portugal ao comerciante Fernan de Loronha (de onde veio seu nome), que teria financiado a expedição. Mas o proprietário jamais colocou os pés naquele paraíso que, abandonado, chegou a ser invadido, no decorrer dos anos, por holandeses, franceses e ingleses. As ilhas só voltaram ao domínio português ao ser reconquistadas, em 1737.

Portugal transformou sua posse em presídio e, até a década de 40, Fernando de Noronha abrigou assassinos e ladrões. Em 1942, o arquipélago foi transformado em território federal, administrado em sistema de rodízio pelas Forças Armadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil permitiu que os Estados Unidos montassem ali uma base de rastreamento de foguetes teleguiados. Hoje, a estação é sede do Hotel Esmeralda, o único da ilha. Há também centenas de pousadas instaladas nas próprias casas dos noronhenses.

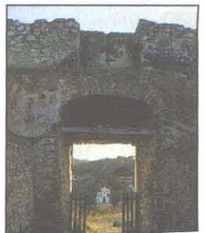
Com a promulgação da Constituição de 1988, o arquipélago tornou-se território estadual de Pernambuco, e a maior parte de sua área foi transformada no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha.

Terra de CONTRASTES

A maior parte da Ilha de Fernando de Noronha pertence ao Parque Nacional Marinho

Proteção total
Os golfinhos rotadores chegam a Noronha ao amanhecer e reúnem-se para descansar na baía onde é proibido mergulhar. Seus saltos atraem centenas de turistas. Lotam barcos para admirá-los, no início da tarde, quando retornam ao mar aberto. Simpáticos e brincalhões, eles nadam em grupos ao lado das embarcações, encantando os visitantes

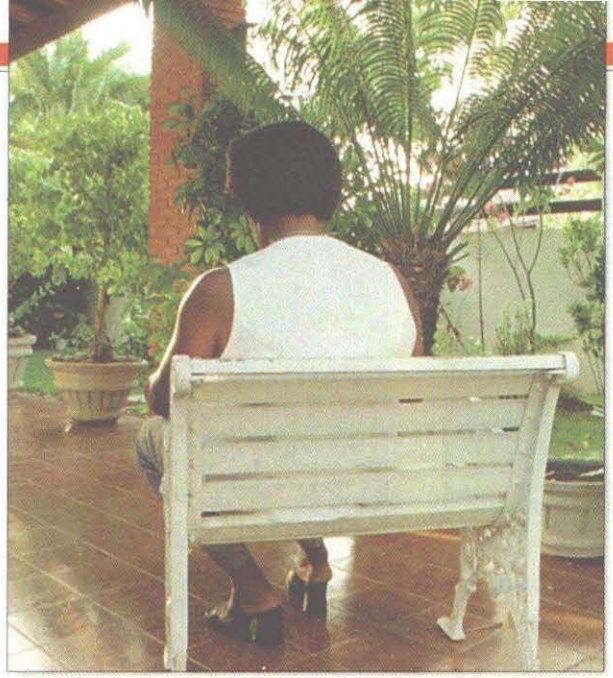
Baía dos Golfinhos
Profunda, tranqüila e cercada por falésias escuras, ela é um refúgio seguro para os rotadores descansarem e acasalarem



Passado
Do Forte dos Remédios vê-se a vila principal

Fotos: Paula Prandini/ÉPOCA

Acervo ISA



DEFESA Desde que ganhou o prêmio, Francisca se esconde. Precisou até de escolta para ir ao fórum

"Na bacia onde dona Francisca lavava roupa, muito suor pingou."

IVANISE BARRETO,
moradora do bairro do Candeal

ATAQUE Ivanise diz que Rocha mente

FAMÍLIA

No tanque da vida

Ex-lavadeira concede na Justiça 8% do prêmio da Megasena ao lamurioso pai de seus filhos

A baiana Francisca de Jesus Souza, 48 anos, já não lava roupa todo dia, que agonia, como diz a canção famosa. Seu tormento é outro: Francisca, ex-lavadeira, vive o assédio de quem fica milionário da noite para o dia, escapando da miséria. Doce problema? Ela não acha. Apesar de usufruir um robusto saldo bancário, não aceita o rótulo de "amante golpista". Sua história virou notícia em todo o país. Começou no dia 18 de março de 1997, quando Francisca sacou os R$ 7,5 milhões, correspondentes ao prêmio da Megasena, numa agência da Caixa Econômica Federal em Salvador. A versão dela: dias antes, havia cravado nas dezenas 05, 09, 18, 21, 36 e 56, pagando o cartão com o último real que tinha na bolsa. Diz que saíra da casa de uma ex-patroa, para quem trabalhava como diarista, levando consigo R$ 35. Antes da aposta, comprou uniformes de colégio para as filhas e, com o troco minguado, desafiou a sorte. Deu na cabeça. A versão é desmentida pelo companheiro com quem viveu 13 anos, o taxista Aloísio Rocha, pai de seus cinco filhos. Rocha jura que o bilhete é dele e só permitiu que a bolada fosse depositada numa conta de Francisca para driblar a ex-mulher, Marilene Brito, com quem teve outros cinco filhos. Danou-se, reconhece.

O imbróglio foi parar na Justiça e, depois de muita confusão, rendeu ao amante injuriado um acordo de R$ 600 mil. É tudo que Francisca quer lhe dar. O acerto financeiro foi firmado na segunda-feira 9, na 6ª Vara da Família, sob protestos dos advogados de Rocha. "Ele aceitou porque está doente e tem de fazer uma angioplastia", disse Almir Lemos, um de seus defensores. O caso continua atiçando a imaginação popular. Fala-se, em Salvador, que a milionária comprou inúmeras mansões e até um chalé na Suíça. "Contei 16 carros", afirma Anderson Rocha, filho do taxista com Marilene – para cujos braços, aliás, o marido voltou. Francisca reage. Diz que Rocha era um penetra em sua vida, não trazia dinheiro para casa e supõe que ele tenha posto 19 filhos no mundo. A vizinhança do bairro do Candeal, onde a ex-lavadeira morou em tempos bicudos, aplaude a valentia. "Esse homem mente", atesta a vizinha Ivanise Barreto. O cerco à nova-rica continua intenso a ponto de ela ter de trocar de endereço para dormir em paz. Francisca reclama a tranqüilidade perdida. Mas não quer o tanque de volta. ■

GERSON FARIA

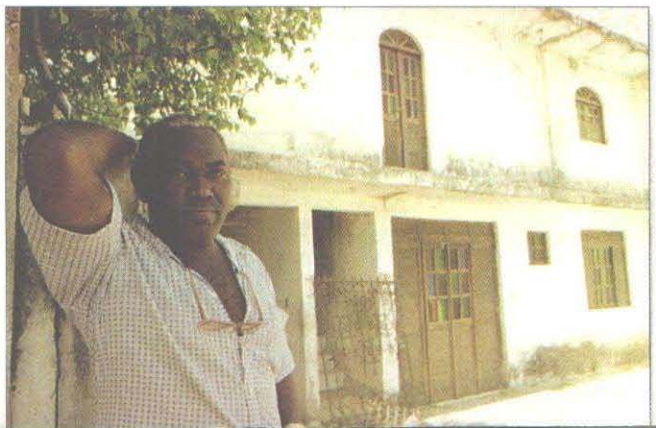
Fotos: Edson Ruiz/ÉPOCA

ESTATÍSTICAS DE UM AZARÃO

Rocha, o excluído da lei das probabilidades

- ***A chance*** *de ganhar na Megasena é de 1 em 15.890.700.*
- ***Com salário*** *de R$ 1 mil, Rocha levaria 625 anos para acumular R$ 7,5 milhões.*
- ***No acordo,*** *o taxista levou apenas 8% do prêmio que julga ser seu.*
- ***Se ficasse*** *com a bolada, ele teria ganho R$ 1,5 milhão só na aplicação do dinheiro.*

Fonte: Prof. Dario Nery, Depto. Estatística, Faculdade de Matemática da USP



QUEIXUME Rocha diz que amava Francisca. Agora vive com a ex